

O povoado do Penedo dos Mouros (Arcozelo, Gouveia) no contexto do século X no sector noroeste da Serra da Estrela

The settlement of Penedo dos Mouros (Arcozelo, Gouveia) in the context of the tenth century in the northwest sector of the Estrela mountain range

Catarina Tente¹, António Faustino Carvalho², Vera Pereira³

Palavras chave

Sepulturas antropomórficas, restos faunísticos, construções em madeira, Alta Idade Média, Neolítico.

Keywords

Anthropomorphic graves, faunal remains, wooden buildings, Early Middle Ages, Neolithic.

¹ Instituto de Estudos Medievais - NOVA FCSH-NOVA, Av. Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, E-mail: catarina.tente@gmail.com

² Universidade do Algarve, F.C.H.S., Campus de Gambelas, 8000-117 Faro, Portugal, E-mail: afcarva@ualg.pt

³ Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Largo da Porta Férrea, 3004-530 Coimbra, E-mail: vera_lcpereira@yahoo.co.uk

RESUMO

A primeira ocupação do Penedo dos Mouros, datável do Neolítico, está preservada num pequeno abrigo sob rocha aberto no *tor* granítico que coroa a plataforma onde o sítio se localiza. A sua reocupação ocorre na Alta Idade Média, quando se construiu um povoado cercado. No *tor* central foram escavadas escadarias e entalhes que suportariam uma estrutura em madeira e que teria pelo menos dois pisos. Para além de sementes e madeiras carbonizadas e cerâmicas e foi possível também recuperar restos faunísticos. O presente artigo é assim uma abordagem sintética aos resultados obtidos nas cinco campanhas de escavações realizadas no sítio.

ABSTRACT

The first occupation of Penedo dos Mouros, datable to the Neolithic, is preserved in a small rock-shelter under the granitic *tor* that is the summit of the platform where the site is located. Its re-occupation takes place in the Early Middle Ages, when a walled settlement was built. In the central *tor* steps and notches were carved to support a wooden structure with, at least, two stores. Besides burnt seeds and wood and pottery it was also possible to recover faunal remains. This article is a brief approach to the results that were obtained during the five excavation seasons that took place at the site.

1. INTRODUÇÃO: LOCALIZAÇÃO, HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO E OCUPAÇÕES HUMANAS

A Serra da Estrela forma a extremidade mais ocidental do maciço central ibérico (Figura 1) e é a montanha mais elevada de Portugal continental, atingindo 1993 metros a.n.m. Em termos geológicos, é caracterizada principalmente por granitos, a par de xistos nos seus sectores mais meridionais, normalmente sob uma delgada cobertura de sedimentos ácidos. Devido a desflorestação antropogénica e subsequente erosão dos solos – um facto atestado desde tempos pré-históricos –, os solos mais férteis encontram-se nas terras baixas, junto aos sopés das montanhas e nas bacias dos cursos de água vizinhos, onde se podem encontrar depósitos sedimentares mais espessos. Nas altitudes mais elevadas, os afloramentos dominam uma paisagem onde os chamados “castelos de rochas” resultantes da erosão sobre os granitos se constituem como verdadeiras marcas nos cumes e planaltos da serra. Alguns destes locais atraíram desde cedo a presença humana, em abrigos sob rocha ou para a construção de recintos murados, quando a sua localização em pontos particulares da paisagem era favorável. O Penedo dos Mouros, em Gouveia, é um desses casos.

O sítio posiciona-se num antigo rebordo do Mondego, hoje marcado pelo encaixe abrupto do vale de um dos afluentes da margem esquerda daquele rio, a Ribeira do Boco. Esta posição topográfica particular possibilita a ocultação do povoado na paisagem, independentemente do ângulo de observação. Essa terá sido a principal estratégia na escolha da sua localização. O espaço que se domina visualmente a partir do sítio é assim limitado a uma área de poucos quilómetros quadrados, correspondendo *grosso modo* ao vale da Ribeira de Boco (Angelucci et al., 2004), que deverá ter constituído o território do grupo que ocupou o Penedo dos Mouros na Alta Idade Média.

A primeira menção moderna a este sítio é feita na carta arqueológica do Parque Natural da Serra da Estrela, por Alarcão (1993). No entanto, a primeira referência conhecida sobre o interesse arqueológico do Penedo dos Mouros remonta ao século XIX, quando foi erradamente referido como sendo um dólmen localizado “[...] entre Rio Torto e Arcozello [...]”, a que “[...] chamam «Pedra de Orca» ou «Penedo dos Mouros», segundo nos disseram”, aquando da expedição científica à Serra da Estrela levada a cabo pela Sociedade de Geografia de Lisboa em 1881 (Sarmiento, 1883: 21). Mais recentemente, é publicado o estudo da sepultura escavada na rocha que se encontra no seu topo (Tente, Martins, 1994), o qual voltará novamente a merecer publicação integrada em estudos mais abrangentes sobre a temática dos sepulcros rupestres (Tente, Lourenço, 1998). No entanto, pouco se conhecia da arqueologia medieval na região até ao arranque de um projeto de investigação sistemática que visava o estudo da sua ocupação humana entre os séculos VI e XII (Tente, 2007,

2010, 2012). Este projeto permitiu a escavação de diversos sítios, incluindo a retoma do trabalho que havia já anteriormente sido encetado no Penedo dos Mouros.

As campanhas de escavação realizadas neste sítio ocorreram entre 1998 e 2001 e, depois, entre 2008 e 2009. As mesmas focaram-se em dois sectores distintos do sítio (Figura 2):

Sector I.

Localiza-se no lado Norte do *tor* central, junto da entrada que dá acesso ao topo do conjunto granítico. A escolha desta área foi determinada pelo facto de aí se encontrar um espesso depósito sedimentar que possibilitou a recuperação de uma sequência estratigráfica bem conservada, incluindo a fase de destruição e abandono do sítio em época medieval. Neste sector foi aberta uma área de escavação de 40 m², na qual se identificou um espesso derrube de uma estrutura de pedras não aparelhadas que protegeria o acesso ao interior de uma estrutura de madeira que esteve acoplada ao *tor* central. Foi exumado espólio muito diverso, que incluiu numerosos macrorrestos vegetais que permitiram datar o final da ocupação do sítio arqueológico. A potência estratigráfica neste sector foi estimada em cerca de 2,20 m (Tente, 2010: 141-144). Apesar de, em algumas áreas, se ter conseguido chegar ao substrato rochoso, não foi aqui registada qualquer outra ocupação para além da alto-medieval, datada de finais do século X (Tabela 1).

Sector II.

Corresponde à área do abrigo natural sob rocha, situado no lado sul do *tor* granítico (Figura 2). Este abrigo foi aproveitado por pastores durante o século XX, tendo sido circundado por um muro de pedra que o fechava. Dentro do abrigo foram abertas duas sondagens. A Sondagem 1 foi disposta de forma transversal ao comprimento do abrigo, mais ou menos a meio, ligando a parede rochosa ao muro de pedra seca aí construído (c. 5 m²). A Sondagem 2 foi posicionada no canto Nordeste do abrigo (c. 2 m²). Neste sector identificou-se uma ocupação coetânea do Sector I, representada por alguns fragmentos cerâmicos alto-medievais. Amostras de sedimentos recolhidas no mesmo horizonte revelaram uma quantidade inusitada de fitólitos que documentam o uso deste espaço como curral durante aquele período histórico (IPHES, 2009; Tente, 2010). Nos estratos mais profundos do abrigo encontraram-se os vestígios de uma sucessão de ocupações neolíticas, verosimilmente coevas da construção dos primeiros dólmenes da região, que foram interpretadas como estadias temporárias de grupos de pastores neste local, há seis mil anos como hoje. Um dos aspetos importantes neste contexto neolítico é o achado de um interessante conjunto faunístico que inclui restos de ovinos (e caprinos?) que constituem a evidência hoje mais antiga das primeiras práticas pastoris na região da Serra da Estrela (Carvalho et al., 2017).

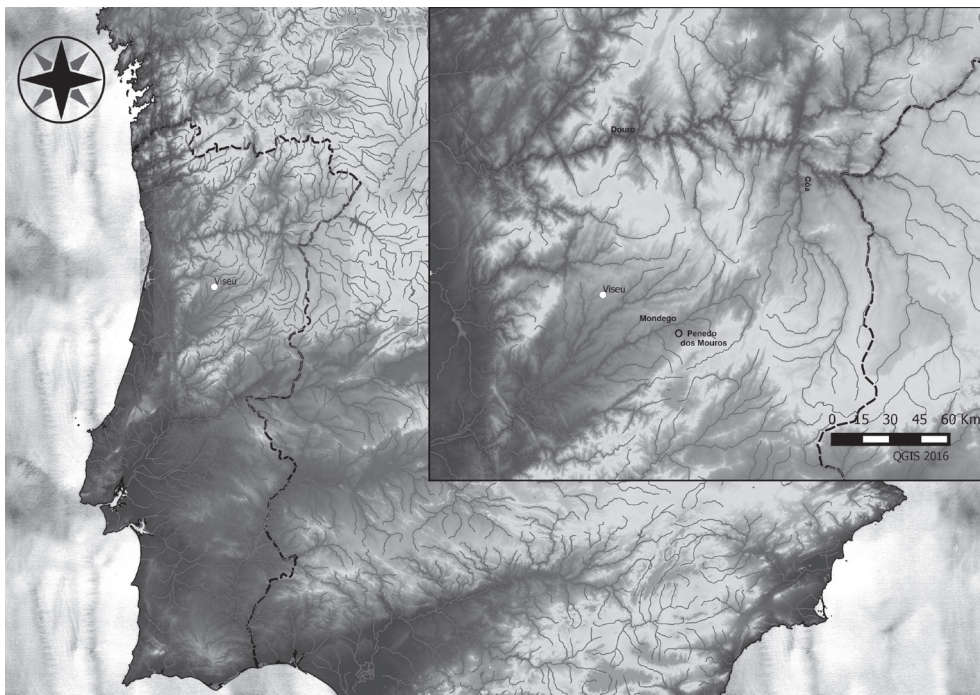


Figura 1

Localização do Penedo dos Mouros.

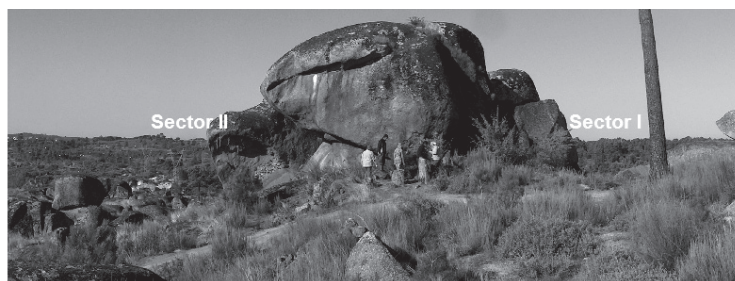
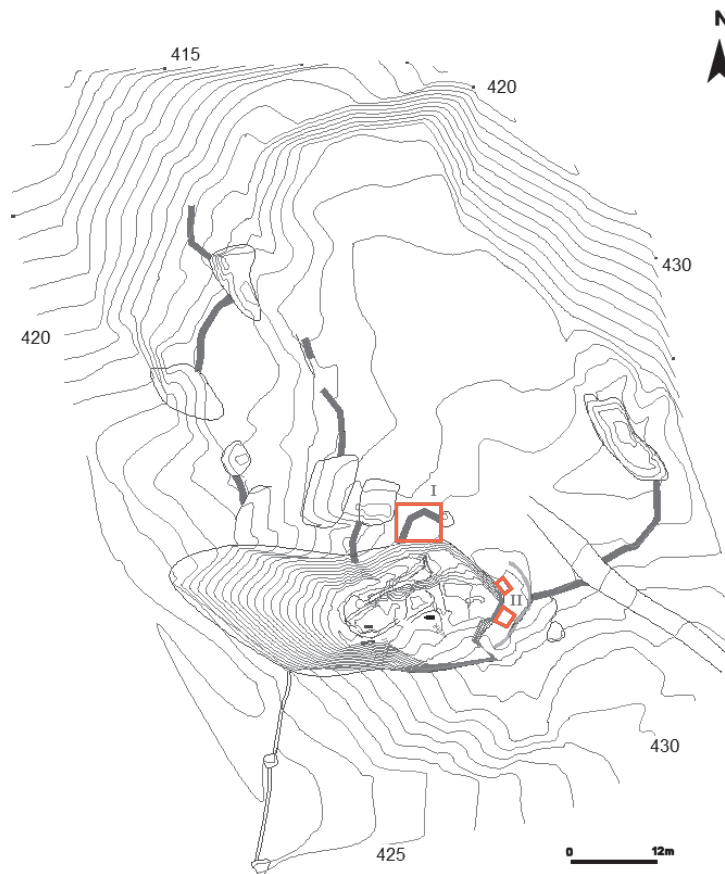


Figura 2

Levantamento topográfico do Penedo dos Mouros.

Laranja - indicação dos sectores; Cinza-escuro - cerca pétrea visível; Cinza-claro - parede contemporânea do abrigo de pastor; Preto - sepultura escavada na rocha localizada no topo do tor.
Fotografia do tor central visto do lado Este, com indicação dos sectores intervencionados.

2. A OCUPAÇÃO MEDIEVAL

Em ambos os sectores identificaram-se ocupações alto-medievais. No Sector I recuperaram-se os vestígios que resultaram do colapso da estrutura de madeira que aproveitou o *tor* granítico central, e do que ali estaria guardado, nomeadamente sementes de várias espécies e objetos em cerâmica e cortiça. No sector II, tal como referido, foi possível confirmar o seu uso como curral.

Foram obtidas três datações de radiocarbono sobre amostras de vida curta (sementes e carvões de espécies arbustivas). Duas das datações datam sementes de fava (*Vicia faba*) que foram identificadas no nível que resultou do colapso da estrutura de madeira em consequência de um incêndio que destruiu o sítio e determinou o seu abandono. Estas sementes deveriam estar armazenadas na superestrutura de madeira, já que as próprias madeiras carbonizadas surgem associadas no mesmo nível arqueológico. A terceira datação foi obtida sobre uma amostra de urze branca (*Erica arborea*) recolhida num nível de terras identificado no Sector II e que é estéril arqueologicamente, pelo que deve datar assim de um momento anterior à ocupação medieval.

Proveniência	Ref. de laboratório	Amostra	Data BP	Calibração (d.C.)
Sector I, UE22	Sac-1947	<i>Vicia faba</i>	1070 ± 45	780-1020 (0,4%) 876-1036 (95,0%)
Sector I, UE22	Sac-1950	<i>Vicia faba</i>	1060 ± 40	892-1028 (95,4%)
Sector II, T, S.1, UE9	Wk-25818	<i>Erica arborea</i>	1147 ± 30	776-974 (95,4%)

Tabela 1

Datações por radiocarbono do Penedo dos Mouros. Calibração feita através do Programa OxCal 4.3 (Bronk-Ramsey, 2009) com base na curva IntCal13 (Reimer et al., 2013).

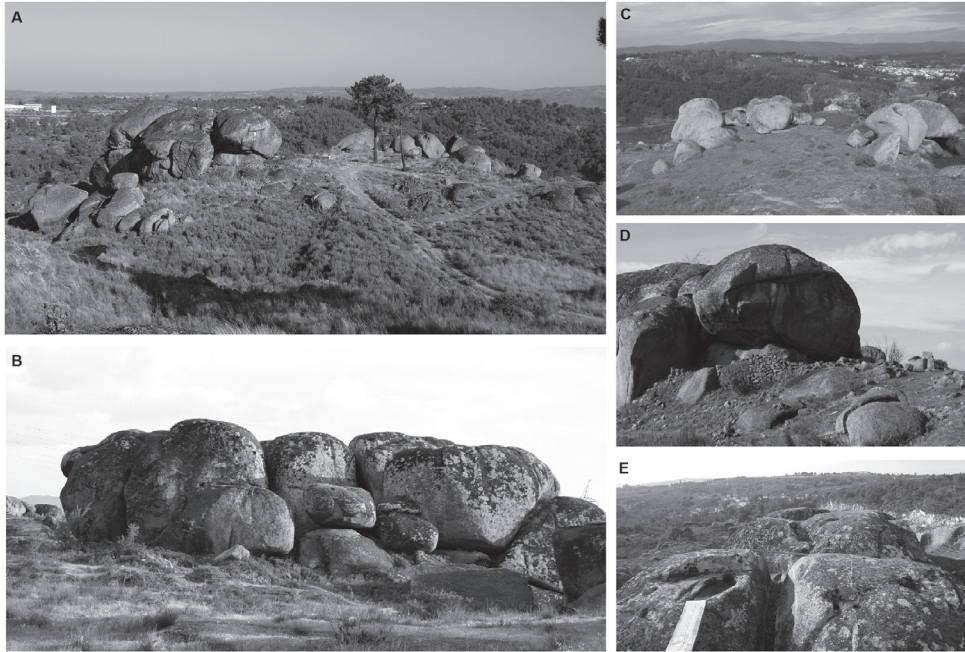


Figura 3

Penedo dos Mouros. A. Vista Sudoeste do sítio (fotografia D. Angelucci); B. Vista do lado norte do tor central, onde se observam alguns entalhes onde assentariam as estruturas em madeira; C. Plataforma interior do povoado situado a Norte e Nordeste do tor; D. Pormenor do abrigo sob rocha e do muro construído no século XX para delimitar o abrigo de pastores; E. Vista do topo do tor, onde se localizam a sepultura escavadas na rocha, alguns entalhes e um buraco de poste.

2.1. Estruturas construtivas

O povoado medieval encontrava-se delimitado pelos *tors* graníticos mas também por uma estrutura constituída por pedras não aparelhadas (por vezes amontoadas sem especial cuidado) que delimitavam o espaço e certamente conferiam alguma proteção ao povoado, cuja área interna teria cerca de 0,5 ha. Esta estrutura encontra-se hoje muito destruída. Todavia, as pedras derrubadas que ali se podem observar indiciam que esta cerca pétrea não poderia ter uma altura significativa, pelo que é verosímil que a mesma fosse encimada por uma paliçada, à semelhança do que ocorre com os povoados contemporâneos de São Gens e da Soida (Tente, 2012). Tal como pode ser observado na Figura 2, o recinto disporia de mais uma linha de cerca que anexava um espaço aplanado situado no seu lado oeste.

Encostado ao lado sul do recinto murado, encontra-se um enorme *tor* granítico (Figura 2), que chega a atingir do lado oeste mais de 20 m de altura, o qual foi aproveitado para instalar a principal construção deste povoado. Nas suas superfícies foram escavados inúmeros entalhes de formas diversas (sulcos, buracos redondos e ovalados e formas sub-retangulares e degraus) nos quais assentariam peças em madeira (Figura 3A). Hoje é difícil recuperar totalmente a arquitetura desta estrutura, mas pela análise dos vários entalhes verifica-se que a mesma teria, do lado norte do *tor*, pelo menos dois pisos, acedendo-se pelo Sector I, que estaria fechado não só com a estrutura de pedra empilhada, mas também com uma porta de madeira cujos buracos das trancas são ainda visíveis. Esta entrada dava acesso a um espaço fechado entre os afloramentos, que era coberto de madeira (que sustentava o piso superior) e no qual se definia um corredor natural entre penedos pelo qual se poderia aceder ao piso intermédio que, por sua vez, era encimado por uma cobertura suportada por barrotes de madeira (Figura 3B). Na escavação do Sector I do Penedo dos Mouros foram identificados vários fragmentos de telha de meia cana o que indicia que, pelo menos parte desta estrutura, seria coberta de telha e não apenas material perecível. Do lado sul deste caos granítico são ainda visíveis vários lanços de escadas que acedem até a um ponto intermédio do penedo, o que deixa supor que também desse lado existisse uma plataforma elevada construída em madeira, cujo apoio se identifica num afloramento localizado junto ao abrigo sob rocha (Figura 3D). O acesso ao topo do *tor*, pelo lado norte, far-se-ia por uma escadaria em madeira cujos entalhes onde assentavam os degraus são ainda hoje visíveis nas faces verticais de dois dos principais afloramentos deste “castelo de rocha”. No topo são também visíveis degraus e entalhes que serviriam de suporte a tábuas que facilitariam a circulação. Foi ali também escavada uma sepultura antropomórfica (Figura 3D) e uma série de gravuras serpentiformes, bem como o que parecem ser dois tabuleiros de jogo aparentados com o chamado “jogo dos cantinhos” ou “alquerque” (Tente, 2010).

Nesta estrutura central de madeira e pedra estavam, no momento do incêndio, guardados bens e alimentos, tais como favas, trigo e certamente outros produtos que não foram recuperados ou que não se conservaram (Tente, 2012).

Na restante área do recinto não foi possível realizar intervenções pois a área aplanada interna está hoje despida de sedimentos, estando expostos, na maioria do espaço, os afloramentos (Figura 3C).

2.2. *Cultura material*

À semelhança das demais coleções cerâmicas medievais identificadas em contextos desta região, também o conjunto do Penedo dos Mouros se encontra muito fragmentado, não tendo sido possível recuperar uma única forma completa. O grau de fragmentação é, em grande parte, resultante da destruição do sítio, já que o incêndio a que se fez referência foi responsável pelo colapso das estruturas de madeira. É, por isso, frequente identificar fragmentos de um mesmo vaso em unidades estratigráficas muito diversas e até mesmo à superfície. Na análise completa da coleção cerâmica foi possível individualizar 67 peças, que correspondem ao Número Mínimo de Recipientes (NMR) calculado. Destas, duas peças têm uma cronologia contemporânea (relacionada com o abrigo de pastor do século XX) e 65 são alto-medievais.

Entre o material medieval, 10 peças (15,38%) correspondem a jarros, 16 (24,6%) são potes/panelas, que normalmente apresentam um colo estrangulado, e sete recipientes (10,7%) correspondem a alguidares. Este conjunto evidencia um reportório de formas pouco diversificado, dominado pelas formas fechadas, panorama que também é partilhado pelas coleções cerâmicas de outros sítios da mesma cronologia na região envolvente (Tente, 2010: 148-171).

As peças decoradas representam 24,6% do NMR, ou seja, a decoração está presente em 16 das 65 peças inventariadas. Os tipos de decoração dominantes são os cordões impressos (com digitações) e incisos, as linhas onduladas, e as caneluras. Mais raramente aparecem também decorações puncionadas e impressões a pente. Uma das características desta coleção cerâmica face a outras do mesmo período reside na presença de algumas peças com decorações “barrocas”, isto é, que ocupam uma parte significativa da superfície e conjugam várias técnicas (Tente et al., 2014). Dos 23 fragmentos de asa identificados, apenas um se encontra decorado com impressões triangulares (Figura 4, 430). As asas deveriam fazer parte apenas de contentores para líquidos, como os jarros, à semelhança do que é igualmente observado noutras coleções cerâmica da região. Para além da habitual olaria, também foram identificados cossoiros em cerâmica, fragmentos de tampas (provavelmente obtidas a partir do reaproveitamento de peças partidas), bem como um disco em cerâmica que deve ter servido de base para a cozedura de alimentos em forno (Figura 4, 105). Esta é uma das poucas peças cerâmicas que foi fabricada manualmente, pois a maioria foi montada a torno. Foram também recolhidos no Sector I quatro fragmentos de barro de revestimento de pisos e/ou paredes.

Sector	Bordos	Bases	Bojos	Asas	Outros	Total
I	197	92	1848	21	45	2203
II - S. 1	19	4	259	1	3	286
II - S. 2	11	4	74	1	0	90
Total	227	100	2181	23	48	2579
NMR: 67 vasos						

Tabela 4

Inventário da coleção cerâmica do povoado.

Foram poucos os artefactos metálicos identificados. Entre estes, destaca-se um fragmento cilíndrico em bronze pertencente a uma peça não identificada (Figura 4, 87). Identificaram-se ainda três fragmentos de ferro: uma cabeça de tacha, de perfil semiesférico; um fragmento mesial de um prego ou tacha; e um pedaço de uma placa de perfil curvo, cuja dimensão e estado de conservação não permite determinar a sua funcionalidade. Foram igualmente recolhidos 25 fragmentos de escórias de ferro, de dimensões muito diversas. Destas, apenas uma foi identificada no Sector II. No entanto, em nenhum dos sectores se identificou qualquer estrutura ligada com a fundição ou trabalho do ferro. A presença das escórias evidencia, contudo, que essa estrutura existiu e que se deve localizar em sector não intervencionado, ou que tenha sido, entretanto, destruída (Tente, 2010: 171-172).

Nas campanhas de 2000 e 2008 foram identificadas no Sector I duas contas de colar (Figura 4, 64 e 9): uma de morfologia discoide, fabricada em pasta vítrea de cor azul-cobalto e com orifício cilíndrico; outra, igualmente fabricada em pasta vítrea, mas com uma forma cilíndrica e cor verde-escuro decorada com bandas repetidas de pequenas folhas, e orifício troncocónico (Tente, 2010: 172).

Surgiram em escavação ainda cinco fragmentos de ocre vermelho, nos níveis de derrube do Sector I, o que sugere que se encontrariam originalmente dentro da estrutura em madeira. É impossível estabelecer a função, ou funções, que o ocre teria tido. Ter servido para pintar estruturas ou objetos em madeira, pintar ou tingir fibras vegetais e/ou lã, são as hipóteses que nos parecem mais prováveis face aos conhecimentos que temos destes grupos humanos.

Também se recolheram quatro elementos de mós manuais, fragmentados, em granito, todos classificáveis como dormentes. Os mesmos estavam contidos no derrube da muralha, não sendo por isso possível determinar se estariam reaproveitados na própria estrutura pétreia ou se foram usados na sua função original pela comunidade medieval neste sítio. Todavia, a identificação de uma ocupação neolítica levanta a hipótese de poderem ser artefactos neolíticos reaproveitados.

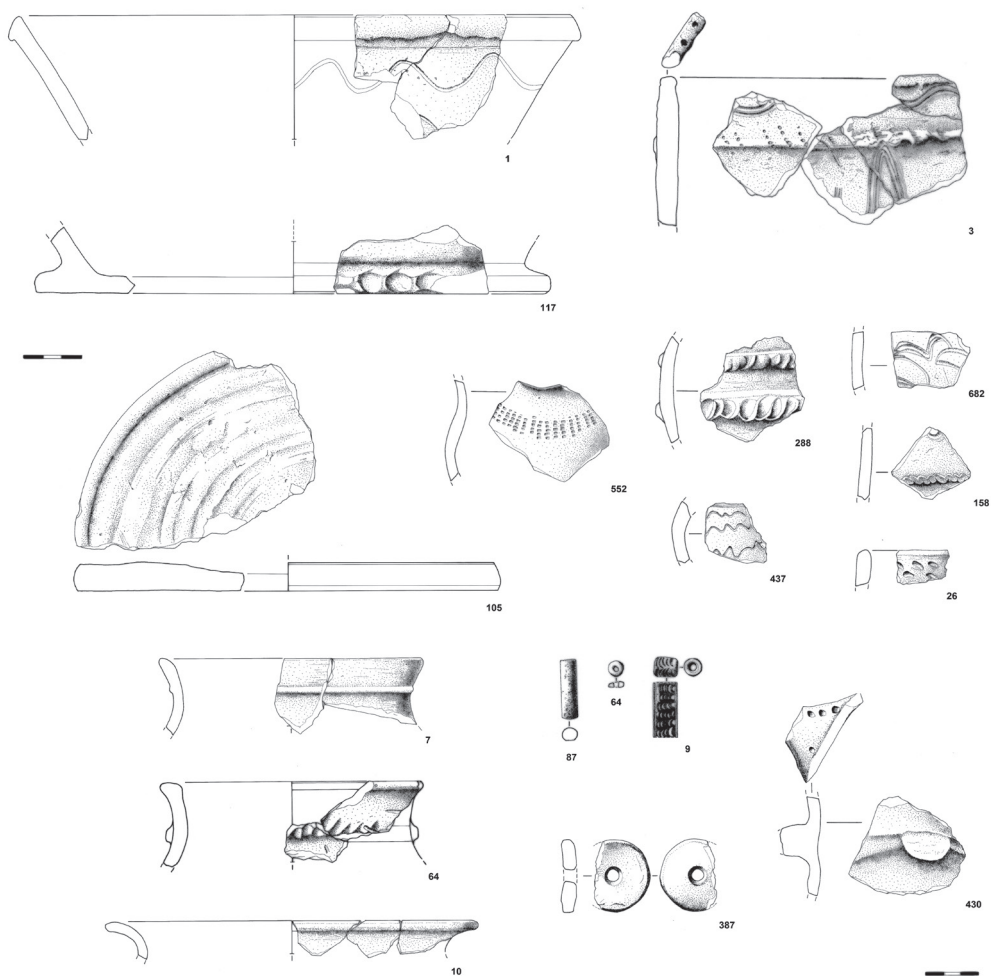


Figura 4

Cultura material do Penedo dos Mouros. 1 e 117- alguidares em cerâmica; 7, 10 e 64 - potes; 430 - fragmento de asa decorada, 387- cossoiro em cerâmica; 105 - disco em cerâmica; 3, 552, 288, 682, 158, 437 e 26 - fragmentos de cerâmica decorada; 87 - fragmento cilíndrico em bronze; 9 e 64 - contas de colar em pasta vítrea.

2.3. Estratégias de subsistência: paleobotânica e zooarqueologia

O facto de as estruturas do Penedo dos Mouros terem sido destruídas por um incêndio permitiu a preservação de inúmeros carvões de madeira assim como várias sementes de espécies que entraram seguramente na alimentação deste grupo humano.

Os dados da análise carpológica (Queiroz, Ruas, 2001; van Leewarden, Queiroz, 2003) resultaram na identificação de inúmeras sementes de fava (*Vicia faba*), algumas de trigo (*Triticum aestivum*), e uma de coentros (*Coriandrum sativu*), que certamente seriam cultivados nos terrenos anexos ao povoado, possivelmente no fundo do vale.

A antracologia (Queiroz, 2009) possibilitou a obtenção de dados, não só sobre as matérias-primas que foram usadas nas construções em madeira, como também sobre os combustíveis usados. Indiretamente, ambas desenham uma imagem, ainda que fragmentada, do ambiente paisagístico que circundava o povoado medieval.

No Sector I, onde os carvões resultam essencialmente da queda da superestrutura em madeira, o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) tem uma presença largamente maioritária (78%), acompanhado pelo castanheiro (*Castanea sativa*), que representa uma percentagem menor (17%). Estas foram as árvores usadas para a construção dos vários pisos e coberturas que estavam acoplados ao tor central. Em percentagens residuais foi ainda possível identificar carvões de sobreiro (*Quercus suber*), carrasco (*Quercus coccifera*), pilriteiro (*Crataegus monogyna*), urze-branca (*Erica arborea*) e urze-roxa (*Calluna vulgaris*).

No Sector II, o espectro é mais variado. Uma vez mais, o carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) assume-se como maioritário, mas em percentagens claramente inferiores às registadas no outro sector (23%). Surge também o medronheiro (*Arbutus unedo*) com 19%, as urzes (*Erica arborea*. e *Erica lusitanica*) com 21,2%, o queiró (*Erica umbellata*) com 9,2%, o codeço (*Adenocarpus*) com 5,4%, a giesta ou o piorno (*Genista florida*) com 3,8%, o sobreiro (*Quercus suber*) com 2,7%, a cerejeira ou ginjeira (*Prunus avium /cesarus*) com 2,7% e, de forma muito vestigial (\leq a 1%), o freixo (*Fraxinus*), o choupo (*Populus*) ou o salgueiro (*Salix*), e a maia ou piorno (*Cytisus*). Esta diversidade deve-se ao facto de o Sector II ter seguramente funcionado como espaço de curral e/ou abrigo de pastores em época medieval, o que explicaria a presença de espécies vegetais usadas, quer para as camas dos animais, quer como combustíveis para as lareiras aqui identificadas (Tente, 2010: 175-176).

Por seu lado, o conjunto faunístico compreende um número muito reduzido de elementos ósseos: somente 88 restos, dos quais apenas 45 (51%) permitiram identificação taxonómica. Apesar da pequenez do conjunto, é possível não só determinar alguns táxones (até ao nível específico, sempre que possível), a parte do esqueleto representada e fenómenos pós-deposicionais. Para a realização destas análises foi consultada a coleção osteológica de referência do Laboratório de Arqueociências da Direcção-Geral do Património Cultural.

Assim, pode-se concluir que a maioria dos restos faunísticos é formada por mamíferos, tendo-se registado apenas um resto de anfíbio. Entre aqueles, observa-se o predomínio de elementos do esqueleto axial (Tabela 2).

AMPHIBIA:

Bufo bufo (sapo-comum)

O sapo-comum é uma espécie muito frequente, que se distribui por todo o mundo, e que se adapta facilmente a diversos ambientes. No conjunto do Penedo dos Mouros, está representada por um único fragmento de escápula, com sinais de exposição ao fogo. O Número Mínimo de Indivíduos (NMI) é, pois, igual a um.

MAMMALIA:

Canis familiaris (cão)

Numerosos fragmentos de crânio foram positivamente identificados como cão, especificamente do crânio (n=30), maxila (n=1) e mandíbula (n=3), elementos que pertencerão muito provavelmente a um único indivíduo. De um modo geral, estes tipos de ossos estão num estado extremamente frágil, em mau estado de conservação e mostrando marcas de exposição ao fogo. Para além disso, os dentes evidenciam desgaste intenso e exposição da dentina, indicando deste modo terem pertencido a um indivíduo senil. Sendo os canídeos carnívoros muito adaptáveis, e que podem apresentar diferentes portes e morfologias, a morfologia dos ossos e dentes recuperados parece corresponder à de um cão de grandes dimensões, eventualmente uma raça do tipo Castro Laboreiro ou, por maioria de razão e mais provavelmente, um Serra da Estrela.

Sus sp. (suíno)

A amostra osteológica atribuível ao género *Sus* é muito pequena e inviável para proceder à distinção entre a espécie domesticada (porco) e caçada (javali). Com um Número de Restos Determinados (NRD) igual a quatro, foi possível identificar três fragmentos de maxila e um de mandíbula, correspondentes assim a um NMI igual a um.

Capra hircus e/ou *Ovis aries* (cabra e/ou ovelha)

Uma vez mais, o conjunto apresenta-se muito pequeno, pelo que a distinção entre cabra e ovelha não se pôde levar a cabo. No entanto, foi possível identificar dois dentes (um fragmento inclassificável e um terceiro molar M3 quase completo), dois fragmentos de úmero esquerdo, um hióide e uma epífise proximal de metatarso. No total, estes restos configuram um NMI igual a um.

Elemento	<i>Canis familiaris</i> (cão)	<i>Sus sp.</i> (suíno)	<i>Capra / Ovis</i> (cabra / ovelha)
Crânio	30		
Maxila	1	3	
Mandíbula	3	1	
Dente			2
Hióide			1
Úmero			2
Metatarso			1
NRD	34	4	6
NMI	1	1	1

Tabela 2

Restos osteológicos de mamíferos.

Em suma, e como se pode constatar através da leitura da Tabela 2, o táxon mais abundante em termos de NRD é o cão, com 34 elementos (77%), mas pertencentes a um único indivíduo. Pensa-se que este animal veio a morrer na toca ou depressão que havia feito sob o abrigo rochoso, tendo assim vivido num momento posterior ao abandono do sítio. Foi tentada a obtenção de uma datação de radiocarbono a partir destes restos mas infelizmente não dispõem de colagénio suficiente para o efeito. Os caprinos, por seu lado, contam com seis restos identificados (14%), correspondentes também a um único indivíduo, ovelha ou cabra. Os suínos, com quatro fragmentos (9%), também correspondem a um único indivíduo. Se no caso anterior a domesticidade dos indivíduos reconhecido é quase certa, neste porém teria sido importante determinar o seu estatuto taxonómico específico pois isso implicaria deduções relevantes acerca do tipo de exploração animal praticada, isto é, se a criação de porcos ou a caça de javalis. Apesar da diminuta dimensão, este conjunto osteológico abre, no entanto, uma janela para o conhecimento da economia pastoril da região em tempos medievos.

3. INTERPRETAÇÃO FUNCIONAL E INTEGRAÇÃO NA REDE DE POVOAMENTO

Antes de se iniciarem os trabalhos de escavação considerou-se a possibilidade de o sítio ser de cronologia proto-histórica, tendo-se publicado uma primeira nota no *Congresso de Proto-História Europeia* realizado em Guimarães (Tente, Lourenço, 2000). No entanto, as escavações arqueológicas vieram revelar uma surpreendente ocupação alto-medieval que até então era desconhecida na região. Outros sítios, entretanto, também intervencionados vieram consolidar o conhecimento destas novas realidades arqueológicas.

Não é ainda fácil apreender a totalidade do papel desempenhado por este sítio arqueológico em época alto-medieval. A primeira interpretação apontou para um castelo roqueiro, erguido pelas comunidades locais para defesa face aos tempos instáveis da “Reconquista” (Tente, 2010, 2012, 2013). Todavia, o aumento do número de sítios escavados, bem como o desenvolvimento da análise dos dados recolhidos nas suas escavações, tem suscitado uma reflexão sobre a função destes sítios, a articulação entre si, e o seu papel global no contexto histórico do século X no Alto Mondego.

Efetivamente, tanto São Gens como o Penedo dos Mouros localizam-se em espaços pouco destacados na paisagem, junto de cursos de água. Trata-se de um posicionamento no território que, à partida, sugere uma preferência pelas áreas de maior potencial hortícola / agrícola numa região onde os solos são muito pouco espessos e de baixa capacidade agrícola. Porém, são simultaneamente invisíveis na paisagem circundante e este fator deverá ter tido o seu peso na escolha dos locais de povoamento. Esta posição geográfica, porém, choca com a interpretação inicial de que as estruturas edificadas nestes locais (muralhas, paliçadas) testemunhavam uma opção defensiva por parte destas comunidades (Tente, 2013). Atualmente a interpretação que nos parece mais plausível é que a construção das cercas poderá ter estado mais correlacionada com a delimitação das áreas habitadas e com a proteção contra animais selvagens ou intrusos singulares, e menos com preocupações de cariz bélico permanente.

No que respeita à economia destas comunidades, o Penedo dos Mouros demonstra claramente que o grupo humano que aqui habitou cultivava leguminosas e cereais (pelo menos fava e trigo, respetivamente) e criava animais (pelo menos ovinos/caprinos). Porém, os dados arqueobotânicos e faunísticos de São Gens vieram mostrar que estas comunidades poderiam, ao contrário do que inicialmente se supôs, ter tido a sua economia assente na exploração dos recursos selvagens, através da caça e da recolha (Tente et al., neste volume).

A recente revisão dos dados da Soida, situado em plena montanha, possibilitou a sua reinterpretação como povoado sazonal, relacionando-o com uma

transumância bipolar que se faria entre os planaltos e o sopé da montanha (Fernández-Mier, Tente, 2018). Neste cenário por enquanto hipotético, é possível que a comunidade do Penedo dos Mouros pudesse ter complementado a exploração agrícola do vale da Ribeira do Boco com a exploração pastoril das áreas de maior altitude da serra, onde no Verão seria mais fácil encontrar pastos frescos. Os dados são, contudo, poucos para que possamos validar neste momento esta hipótese de trabalho.

Ao contrário de São Gens, no Penedo dos Mouros não existem dados para estimar o número de famílias que ali habitou. Não se exclui a hipótese de poder ter sido apenas um grupo familiar. Porém, o investimento feito na construção do edifício central em madeira, no recinto em pedra, bem como o facto de ter uma área interna equivalente à calculada para o povoado de São Gens, indiciam a presença de uma comunidade mais alargada e que não deveria ser muito diferente daquela que se estima ter existido em São Gens. Há, porém, uma diferença assinalável. Enquanto em São Gens o grupo implementou um espaço funerário comum, onde toda a comunidade se faria sepultar, tal não ocorreu no Penedo dos Mouros. É por agora impossível saber onde estaria o espaço funerário desta comunidade. A presença da sepultura singular no topo do *tor* leva a uma outra interpretação, já anteriormente discutida (Tente, 2015) e que aponta para que a sepultura tenha sido escavada após o evento que destruiu o sítio. Quem a construiu e aí se fez sepultar teria, neste caso, plena consciência da memória do sítio e do que ele representava e, talvez até, memória do evento que o destruiu. A sepultura do Penedo dos Mouros marcaria então a memória coletiva do lugar através da inumação de um indivíduo concreto, porventura alguém que personificava de algum modo essa comunidade.

A memória do Penedo dos Mouros estava ainda viva no século XII, quando o sítio é mencionado como um ponto de referência para a delimitação da propriedade do Aljão, vendida por D. Afonso Henriques a dois irmãos (Ventura, Faria, 1990). Neste documento de venda, o sítio aparece designado como “Castro do Lobo”, topónimo que conjuga duas realidades que a população de então teria ainda presentes na sua memória coletiva: o facto de ter sido um espaço habitado cercado (daí a expressão empregue, *castrum*), e a sua relação direta com um animal, neste caso um lobo. Para nós, é muito tentadora a hipótese de se poder correlacionar este lobo com o cão que se exumou durante a escavação do Sector II do Penedo dos Mouros (ver acima), que era um animal de grande porte, como um lobo, e que morreu na sua toca já em idade avançada. É, pois, possível que este cão tivesse habitado o antigo povoado durante largos anos, o que teria levado à cristalização da sua presença no topónimo do local tal como usado ainda em pleno século XII.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1993) – *Arqueologia da Serra da Estrela*, Manteigas: Parque Natural da Serra da Estrela.
- ANGELUCCI, D.E., TENTE, C., MARTINS, A.R. (2004) – O Penedo dos Mouros e a sua integração paisagística, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7:1, p. 467-481.
- BRONK-RAMSEY, C.B. (2009) – Bayesian analysis of radiocarbon dates, *Radiocarbon*, 51: 1, p. 337-360.
- CARVALHO, A.F., PEREIRA, V., DUARTE, C., TENTE, C. (2017) – Neolithic archaeology at the Penedo dos Mouros Rock-shelter (Gouveia, Portugal) and the issue of primitive transhumance practices in the Estrela mountain range, *Zephyrus*; LXXIX, enero-junio, p. 19-38.
- FERNÁNDEZ-MIER, M., TENTE, C. (2018) – Transhumant herding systems in Iberia, in COSTELLO, E., SVENSSON, E. (Eds.) – *Historical archaeologies of transhumance across Europe*. Londres: Routledge, p. 119-132.
- IPHES (2009) – *Análisis de fitolitos*. Tarragona. Policopiado.
- LEEUWAARDEN, W., QUEIROZ, P. (2003) – *Estudos de Arqueobotânica no Penedo dos Mouros II*, Lisboa: IPA (Trabalhos do CIPA; 47), policopiado.
- QUEIROZ, P. (2009) – *Novos dados arqueobotânicos sobre o Penedo dos Mouros (Gouveia)*. *Terra Scenica - Território Antigo Relatórios 11*, Lisboa: Terra Scenica - Território Antigo (relatório inédito), policopiado.
- QUEIROZ, P., RUAS, J. P. (2001) – *Estudos de arqueobotânica no Penedo dos Mouros*, Lisboa: IPA (Trabalhos do CIPA; 13), policopiado.
- REIMER P.J., BARD, E., BAYLISS A., BECK J.W., BLACKWELL P.G., BRONK RAMSEY C., BUCK, C.E., CHENG, H., EDWARDS, R.L., FRIEDRICH, M., GROOTES, P.M., GILDERSON, T.P., HAFIDASON, H., HAJDAS, I., HATTÉ, C., HEATON, T.J., HOFFMANN, D.L., HOGG, A.G., HUGHEN, K.A., KAISER, K.F., KROMER, B., MANNING, S.W., NIU, M., REIMER, R.W., RICHARDS, D.A., SCOTT, E.M., SOUTHON, J.R., STAFF, R.A., TURNER, C.S.M. and VAN DER PLICHT, J. (2013) – IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0–50,000 Years cal BP”, *Radiocarbon*, vol. 55, N° 4.
- SARMENTO, M. (1883) – *Expedição científica à Serra da Estrela em 1881. Secção de Archeologia*, Lisboa: Sociedade de Geographia de Lisboa.
- TENTE, C. (2007) – Comunidades medievais cristãs do Alto Mondego: projecto de estudo das estratégias de ocupação do território, *Promontoria*, 5, p. 245-269.
- TENTE, C. (2010) – *Arqueologia medieval cristã no Alto Mondego. Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*, dissertação de doutoramento em História, especialidade de Arqueologia apresentada à Universidade Nova de Lisboa Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, policopiada.
- TENTE, C. (2012) – Settlement and territory in the Upper Mondego Basin (Centre of Portugal) between the 5th century and the 11th century, *Archeologia Medievale*, XXXIX, Università degli studi di Siena, p. 385-398.
- TENTE, C. (2013) – Soluções defensivas das comunidades rurais no Alto Mondego entre os séculos IX e X”, in FERNANDES, I.C. (Ed.) – *II Simpósio Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, Lisboa: Colibri/CAM, p. 43-49.
- TENTE, C. (2015) – Tumbas rupestres en el Alto Mondego (Guarda, Portugal). Patrones de distribución, significados y construcción del paisaje rural altomedieval, *Munibe Antropologia-Arkeologia*, 66, Bibao: UPV, p.271-290.
- TENTE, C., CARVALHO, A.F. (2011) – The establishment of radiocarbon chronologies for Early Medieval sites: a case-study from the Upper Mondego Valley (Guarda, Portugal), *Munibe*, 62, p. 461-468.
- TENTE, C., LOURENÇO, S. (1998) – Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:2, p.191-217.
- TENTE, C., LOURENÇO, S. (2000) – O Cadeirão da Quinta do Pé do Coelho e o Penedo dos Mouros: primeira interpretação como santuários rupestres, in *Actas do Congresso de Proto-História Europeia*. Guimarães. Sociedade Martins Sarmento (Revista de Guimarães; número especial), p. 775-786.
- TENTE, C., MARTINS, A.C. (1994) – Levantamento arqueológico do concelho de Gouveia, 1ª fase: a necrópole medieval do Risado, o conjunto de Carreira Cova e a sepultura do Penedo dos Mouros. Notícia preliminar, *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, 2, p. 283-291.

TENTE, C., LANTES, O. PRIETO, P. (2014) – A produção cerâmica dos séculos IX a XI da região do Alto Mondego (Portugal), in DE MAN, A., TENTE, C. (Coords.) – *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e o Centro de Portugal. Séculos IX a XII*, Lisboa: IEM, p. 110-139.

VENTURA, L., FARIA, A. S. (1990) – *Livro Santo de Santa Cruz. Cartulário do Séc. XII*, Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.

AGRADECIMENTOS

O apoio logístico aos trabalhos de campo foi prestado pela Junta de Freguesia de Arcozelo da Serra e, principalmente, pela Associação de Beneficência Popular de Gouveia (ABPG), a quem agradecemos toda a ajuda prestada. Devemos um agradecimento especial ao Sr. José Tomás, que fez o levantamento da difícil topografia local. Por fim, uma palavra aos amigos e alunos que participaram nas escavações. Não podendo mencionar todos, queremos mencionar a Sandra Lourenço, que codirigiu a primeira campanha, o António González, a Ana Rita Martins, o Diego Angelucci, e o Carlos Simões, que tem neste momento em mãos o estudo geoarqueológico do Sector II. Uma última palavra para recordar a participação da Ana Raquel Guimarães, aluna de arqueologia da NOVA FCSH, que prematuramente nos deixou.